

ANTÔNIO ARAGÃO E A LINGUAGEM DA SEXUALIDADE

Acerca do Título *Um Buraco na Boca* para uma Reflexão Linguística

HELENA REBELO

Universidade da Madeira (FAH-DLLC e CIERL)
CLLC da Universidade de Aveiro

DOI: 10.34640/universidademadeira2022rebelo

Resumo: A Linguística estuda a linguagem verbal, seja em que vertente for, e a Literatura é um domínio que a usa. Em algumas obras, há questões relacionadas com a Sexualidade e observar a linguagem usada para essa temática é, crê-se, do interesse da Linguística. Poderia pensar-se ser, exclusivamente, do âmbito da Sexologia, mas esta linha de investigação tem suscitado pesquisa, desde que se tentou demonstrar que não são as línguas que são sexistas (feministas ou machistas), mas as culturas e as sociedades que representam. Esta linha relaciona a Linguística com a Literatura, contribuindo para tratar temas diversos. Aqui, a proposta é abrir o livro *Um Buraco na Boca* de António Aragão e propor uma reflexão linguística, partindo do título dessa obra, sobre a linguagem da sexualidade. O tema do incesto que trata é, no geral, pouco abordado porque é proscrito, sobretudo no mundo ocidental do século XXI. Porém, é sabido que quase todas as questões de violência doméstica, nos países ditos “civilizados”, ocorrem essencialmente no seio da família. Que abordagem linguística lhe dá António Aragão na obra *Um Buraco na Boca*? Terá esse título um sentido sexual? É o que se propõe demonstrar neste estudo.

Palavras-chave: Linguagem. Estudos Linguísticos. Literatura. Sexualidade. Incesto. António Aragão. *Um Buraco na Boca*.

Abstract: Linguistics studies verbal language, whatever it is, and Literature is a domain that uses it. In some books, there are issues related to Sexuality and observing the language used for this theme is, we believed, of the interest of Linguistics. It could be thought to be exclusively within the scope of Sexology, but this line of research has prompted research since it has been tried to demonstrate that it is not the languages that are sexist, but the cultures and societies they represent. This line of research relates Linguistics with Literature, contributing to deal with different topics. Here, the proposal is to open the book *A Hole in the Mouth* de António Aragão and propose a linguistic reflection, starting from the title of this work, on the language of sexuality. The theme of incest that it deals with is, in general, little addressed because it is banned, especially in the Western world of the present century. However, it is known that almost all issues of domestic violence in so-called “civilised” countries occur essentially within the family. What linguistic approach does António Aragão give in the work *A Hole in the Mouth*? Does that title have a sexual meaning? This is what we propose to demonstrate in this study.

Keywords: Language. Language studies. Literature. Sexuality. Incest. António Aragão. *A Hole in the Mouth*.



*a felicidade seria acabar com tudo dum só vez.
o bem e o mal eliminados ao mesmo tempo.*
António Aragão

Introdução

A Sexualidade é um elemento particular de estudo, sendo, normalmente, do âmbito da Sexologia, mas, uma vez que recorre a uma linguagem específica, também é do interesse da Linguística. Quando a Sexualidade surge na Literatura e esta a tem como temática, importa observá-la, para a poder estudar, analisando a linguagem verbal empregue por quem escreve o livro, cruzando, por conseguinte, três áreas do saber LINGUÍSTICA-LITERATURA-SEXOLOGIA (REBELO, 2000, 2011 e 2013). É o que se pretende realizar com a linguagem verbal usada na obra *Um Buraco na Boca*, publicada, pela primeira vez, em 1971, por António Aragão (1921-2008).

A “família” e o “amor” serão, decerto, as temáticas predominantes no livro que o autor publica, corajosamente, antes da Revolução dos Cravos, antes de haver liberdade de expressão em Portugal, antes do 25 de Abril de 1974. Embora outras temáticas sobressaiam igualmente, como é o caso da “morte”, o “incesto”, no binómio Amor – Sexo, ocupa uma parte central do texto narrativo classificado como “romance” na própria capa (cf. 2.ª ed., 1993). Embora o sentido original de “romance” esteja associado a “idioma”, ele foi ganhando mais acepções e uma delas é a de “história de amor”. Originalmente, o “romance” foi a língua neolatina que evoluiu para dar lugar a produção ficcional e literária contada nessa “nova língua”, fazendo surgir os “romances” (ou com a variante linguística “rimances”) compilados em romanceiro. Está longe da tradição oral dos “rimances” populares, o romance *Um Buraco na Boca* porque é uma obra singular de um autor experimentalista, mas a temática do “amor” é-lhes comum. No *Romanceiro* de Almeida Garrett, há histórias fortes e recorda-se uma incestuosa de um pai com a filha. Outras obras portuguesas há que abordam a questão do incesto, especificando o relacionamento amoroso entre irmãos, como, por exemplo, em *Os Maias* de Eça de Queirós, no século XIX, ou *Pedro e Paula* de Helder Macedo, no século XX, para apenas referir algumas. Observar a linguagem empregue para contar o que não é habitualmente relatado, por regra de boa educação, numa cultura ocidental burguesa, mais precisamente numa sociedade insular como a madeirense, é um exercício linguístico que permite compreender pontos de vista. Possibilita entender o modo como os indivíduos (no caso as personagens) vivem a experiência e a forma como os dois familiares a sentem. Neste texto que tem como pano de fundo o Funchal (REBELO, 2011), são irmãos: o narrador, mais velho, e Aninhas, a irmã, mais novinha.



Assim, de todos os temas presentes na obra, o que se quer analisar é o do “amor” com ligação ao da “família”. Esta interligação é abordada sob diversos prismas, sendo a associação do “amor” ao “sexo” aquela que o narrador mais destaca, quando se reporta à “família”. Poder-se-ia tentar compreender outras relações, incluindo de cariz sexual, porque há várias no romance, mas, no geral, todas servem para aprofundar a dos irmãos, por meio das inquietudes da voz masculina que narra a sua história, a par das desventuras dos membros da família em decadência. Na trama tecida pelo fio das palavras, o “amor” é plural porque plurais são as experiências amorosas e sexuais do narrador ou dos homens e das mulheres que vai nomeando. São sobretudo as suas próprias relações amorosas que convém analisar e, nesse caso, em síntese, há um homem e várias mulheres, assumindo elas facetas diversas do “amor”, mas fundindo-se naquilo que comumente se designa como “amor carnal”. Do conjunto, para restringir a análise à relação incestuosa (família-amor-sexo), procura-se resposta para duas questões: Que abordagem linguística é dada ao incesto em *Um Buraco na Boca*? Terá esse título um sentido sexual?

1. Que abordagem linguística é dada ao incesto em *Um Buraco na Boca*?

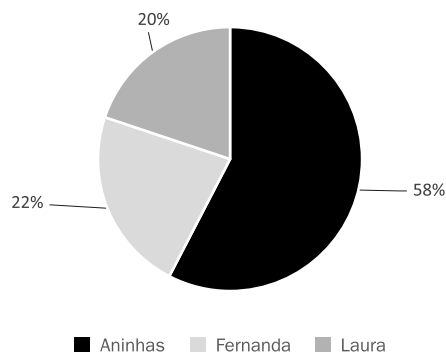
Em *Um Buraco na Boca* é decididamente o lado masculino que prevalece porque é o narrador quem conta, quem narra. Assim, é o seu lado da relação que é exposto, dando a conhecer exclusivamente o seu ponto de vista, reconstruindo, pontualmente, o da irmã, muito depois de a relação incestuosa ter finalizado, como se verifica nos 21 momentos em apêndice que representam as referências a Aninhas ao longo da obra. As relações amorosas entre personagens, incluindo familiares, vão sendo descritas e contadas com pormenores, numa linguagem, por vezes, explícita, mas, na maior parte das vezes em que é abordado, o incesto, é-o de modo implícito e bastante poético como metaforicamente no “fogo” em “um frio fogo” (ARAGÃO, 1993: 7) ou “mergulhando no fogo inteiro das coisas definitivas” (ARAGÃO, 1993: 14).¹

As mulheres assumem um papel preponderante na narrativa masculina: o narrador, homem adulto, vai lembrando, contando, as suas vivências, os seus pensamentos, as suas experiências, as suas emoções, ou seja, o romance é tecido pelas palavras que ele escolhe. A linguagem a que ele recorre para falar das mulheres, sejam elas da família, sejam elas não familiares, é reveladora da sua própria condição de homem, no centro de um círculo feminino que o rodeia. Enquanto membros da família, surgem a avó,

¹ A edição de 1993, a que se recorreu, por ser aquela ainda disponível no mercado livreiro, é a que se cita. Não se conseguiu ter acesso à primeira edição, que é de 1971. Os negritos são do original, os sublinhados são da autora do artigo.

a mãe, Aninhas, as tias, sobretudo Rita e Ana. Para os elementos externos, há igualmente diversas figuras, como, entre outras, a Menina Cecília, Laura e Fernanda. Sobre todas estas e as restantes, que vão surgindo na teia textual, recai um olhar masculino que as reconstrói em função do seu olhar, descrevendo-as, acentuando uma ou outra característica, uma ou outra faceta. Todavia, é essencialmente o corpo delas que se destaca, como acontece com os seios da catequista Menina Cecília. Seria extremamente interessante compreender a importância de cada uma destas mulheres, nesta teia de relacionamentos com o narrador. Restringindo a abordagem, retêm-se, unicamente, as que ele identifica como parceiras sexuais numa relação duradoura: Aninhas, Laura e Fernanda. Destas, restringe-se ainda mais, ficando apenas a irmã. Verifica-se que, em determinadas passagens, a narrativa as vai (con)fundir. A sobreposição é evidenciada pelo próprio narrador, quando, por exemplo, diz “onde me poderia levar o medo de confundir tudo? misturar tudo.” (ARAGÃO, 1993: 37). Frequentemente, quando refere uma, em particular Aninhas, surge ou Laura ou Fernanda, acontecendo também serem ambas chamadas para se sobreporem à imagem da irmã. Além disso, a narrativa deixa claro que houve relações sexuais com elas na mesma altura (cf. Apêndice, MOMENTO 14: a indicação da pílula usada por Fernanda e que serviria para Aninhas). Contabilizar, a partir da versão digital existente, as ocorrências dos nomes das três amantes (cf. Gráfico 1), revela que predomina o nome da irmã, o que seria de esperar, uma vez que Aninhas ocupa uma posição predominante e as preferências do narrador manifestam-se na repetição dos nomes (MINISTRO, 2014)². Quantitativamente, o nome próprio Aninhas tem 58%, ultrapassando, as duas relações extra-familiares com Fernanda (22%) e Laura (20%).

Gráfico 1. Frequência dos nomes das amantes



² Agradece-se a possibilidade de recorrer à versão digital de *Um Buraco na Boca*, disponibilizada por Bruno Ministro.

A relação com Aninhas terá sido a “primeira” (cf. Apêndice, MOMENTO 10: “Aninhas existira antes e Fernanda depois”) e é, deveras, a que prevalece, assumindo-se como o amor que é sexo e resulta do desejo de experimentar, mas não parece ser paixão do lado de Aninhas, embora ela tenha curiosidade (cf. Apêndice, MOMENTO 17) e o fascínio esteja do lado do irmão. Após uma leitura integral e extensiva do texto, metodologicamente, procedeu-se a uma abordagem intensiva e segmentada da obra, ao realizar uma releitura em diagonal, no sentido de reconstruir as fases do relacionamento incestuoso através de excertos textuais, para estabelecer um *corpus* linguístico.

Em ambas as leituras, verifica-se que Aninhas é um nome bastante recorrente (cf. Gráfico 1). Vai surgindo página a página, mas há intervalos, alguns bastante longos, em que não ocorre. Se se fizesse um esquema de presença-ausência da irmã do narrador na narração, verificar-se-ia que isso equivaleria à evolução da relação sexual entre os dois irmãos. No início da obra, o nome Aninhas tem maior frequência do que no final da obra, havendo páginas em que as suas ocorrências são múltiplas. Por exemplo, na página 27, o nome próprio “Aninhas” ocorre quatro vezes e, entre as páginas 100-121, não se observou nenhuma ocorrência, verificando-se como que um esquecimento, um apagamento: este intervalo, este silêncio, é ensurdecedor e corresponderá ao afastamento dos irmãos. A recorrência do nome equivale a uma obsessão e a sua ausência, a um afastamento. O nome próprio Aninhas marca a narração do incesto. Procedeu-se, por isso, ao levantamento (cf. Apêndice) das passagens em que ocorre, correspondendo a momentos ligados a fases do incesto e havendo como que a necessidade de contar tudo, do princípio ao fim, mas o princípio não é tão claro quanto o fim, embora nenhum dos encontros sexuais seja explicitamente descrito. Pressupondo-se que tenha sido a primeira relação sexual para ambos os irmãos, a primeira vez deveria ser marcante e poderia ser recordada com minúcia, mas não é assim. Provavelmente, a repetição com a continuação da relação poderá ter, de algum modo, apagado a primeira (cf. Apêndice, MOMENTO 1). Linguisticamente, é importante realçar que não se sabe como começou o incesto. As palavras apenas apontam para uma situação geral evasiva (cf. Apêndice). Por certo, arranjar palavras para relatar a primeira vez poderá ter sido demasiado difícil para o narrador. É também possível considerar que o facto de a relação ter sido longa e frequente fez apagar a primeira vez. A nível discursivo, verifica-se que o narrador, cuja memória escolhe o que contar, prefere reconstruir sem grandes pormenores. Nos excertos referentes a Aninhas (cf. Apêndice), é apenas sugerido o início, mas acentuado e repetido o final. É mais evidenciado o fim (palavra com múltiplas ocorrências), reiterado até para se perceber que terminou e isso perturbou o narrador. O fim, que acontece pela separação dos irmãos ditada pela mãe, e certamente pela avó também, sobrepõe-se ao princípio.

Num texto literário, as palavras são pesadas e pensadas, não surgindo por acaso na trama textual. De modo que, por exemplo, o facto de não se registar nenhuma vez a palavra “incesto”, embora seja a realidade central,



é significativo. Não se considera ser fruto do acaso: é demasiado forte para quem conta a sua vivência incestuosa. Por que razão não surge no texto? O incesto é o que se poderia considerar uma “subtemática” central dentro da temática do “amor-sexo”. Embora a palavra não surja, pelo menos não se encontrou, ela vem subentendida em múltiplos segmentos, como o seguinte, em que o qualificativo “indecentes” (sublinhado nosso) não deixa margens para dúvidas, quanto à classificação da história do rapaz com a irmã: **“Rodrigues conta uma anedota. ele sabia anedotas indecentes: um rapaz que tinha uma irmã nova e bonita.”** (ARAGÃO, 1993: 59-60). O narrador é o rapaz e Aninhas, “uma irmã nova e bonita”.

O diminutivo “Aninhas”, formado a partir de “Ana”, poderia fazer pressupor carinho, afeição, estima, mas nenhuma dessas vertentes é evidenciada. Deve ter surgido na família porque ela é a filha mais nova, o que pode remeter para o diminutivo “-inha”, e porque já havia uma Ana, na família, a tia Ana (a irmã da avó). Contudo, indubitavelmente, remete para a “irmã nova”. É normalmente o diminutivo para o filho mais novo e é o que acontece com Aninhas, embora o “-s” final não seja tão frequente, mas tenha um uso bastante consistente na linguagem familiar. Habitualmente, a nível morfológico, este segmento é marca de plural, mas não parece ser esse o caso, embora se possa interpretar como tal (ela é plural: irmã e amante). Portanto, o nome próprio Aninhas, o da irmã do narrador, que era mais nova do que ele, é constituído por “Ana” + “-inha” + “s”. O nome dela sobrepõe-se ao dele, que não aparece uma única vez no texto.

De todas as personagens femininas da obra, três sobressaem, isto é, as mulheres com quem o narrador mantém uma relação sexual: a Aninhas (sexo ocasional, consensual, proibido, fascínio pelo corpo da irmã), a Laura (sexo ocasional, consensual, permitido, momentos de prazer) e a Fernanda (o mesmo que para Laura, embora sejam as duas de estratos e condição social distintos, tendo uma visão da relação igualmente diferente). Cada uma delas representa o “amor” enquanto sentimento multifacetado, coincidindo no sexo. Contudo, Laura e Fernanda são relacionamentos extra-familiares e, por isso, não têm o lado proibido que o de Aninhas comporta. Porém, todas três assumem uma vertente similar porque são relações escondidas. Vejam-se, por exemplo, os seguintes excertos (sublinhados adicionados): “era realmente mais que a boca de Aninhas beijando-me no canto escondido da loja? (ARAGÃO, 1993: 28)”; “e Laura contrariando o prazer de se despir. essa dificuldade de toda a ordem para ficarmos sós dentro dum quarto sem que ninguém soubesse” (ARAGÃO, 1993: 36-37)”; “corria com Aninhas sobre a dureza voraz das suas palavras e entrávamos pela longa velhice da janela traseira da loja. naquele lado mais sombrio” (ARAGÃO, 1993: 58); “nunca falei na brutalidade da falta que ia de Aninhas à Fernanda. **não contei a ninguém. cosi comigo.** tudo aquilo um dia sem Aninhas” (ARAGÃO, 1993: 71-72). O sexo com Aninhas é descrito em várias passagens do livro e o título da obra ligar-se-á com ele, assumindo implicitamente um significado que remete para relação incestuosa, um segredo.



Ao concretizar o levantamento dos excertos em que é contada a relação dos irmãos (cf. Apêndice com o *corpus*), compreende-se que, em grande parte, o propósito do texto é esse mesmo: ter a coragem de abrir a boca e de contar o que aconteceu e, por isso, o título da obra revela-o, tendo, manifestamente, um cunho sexual. É o que se vai procurar demonstrar.

A palavra “fim”, que é recorrentemente destacada na narração, pode considerar-se estar associada à de “buraco”. Os sentidos deste substantivo encaminham-se para essa ligação, que se regista, por exemplo, na expressão idiomática portuguesa: “estar metido num buraco sem saída”. Vai importar observar com atenção o título porque ele constitui a chave para compreender e interpretar o texto experimental que se assume como uma confidência de um homem sem rumo na vida, tendo apenas a linguagem para se entender. A escolha de uma linguagem experimental de confluências pode indicar confusão mental, mas ouvindo a história dos irmãos, lendo e relendo o texto, comprova-se que o que é dito faz sentido. O narrador vai dando pistas para ler e compreender o que é dito. O narrador fixa-se em palavras como “Aninhas”, “fim”, “morte”, “família”, entre muitas outras, mas há duas que são essenciais. Correspondem a “buraco” e “boca” que parecem ser as “palavras-chave” e, por isso, entram no título.

2. Terá o título um sentido sexual?

A proposta de interpretação do título deixa claro, desde logo, que ela tem de ser múltipla porque não é evidente decifrá-la, pela sua polissemia. O livro *Um Buraco na Boca* tem um título que causa estranheza a quem não o leu. O experimentalismo dos textos parece evidenciar-se nos títulos e esta obra de António Aragão é um caso paradigmático. A bizarria da combinação dos dois substantivos comuns advir-lhe-á, decerto, pela junção dos dois nomes “buraco” e “boca”, que, regra geral, não se associam, já que, em si, quando se pensa em “boca”, se lhe atribui a possibilidade de estar aberta e de constituir, por isso mesmo, um “buraco”, ou seja, uma “abertura”, o que reforça a ideia de que a boca é uma cavidade bucal (simultaneamente parte do sistema digestivo e fonador), sendo também importante para o sistema respiratório. Todavia, não é bem assim. Pensando um pouco sobre o título, compreende-se a pertinência que tem e os sentidos que se lhe podem adicionar. Convém, por conseguinte, perguntar: Que sentidos ganha ao realçar a abertura (um buraco) de uma abertura (a boca), a cavidade bucal? Importa procurar os valores de “boca” e os de “buraco”, mas também procurar saber porque foram ligados. Mesmo na Literatura Experimental, o sentido da linguagem verbal é primordial, precisando, a sua decifração, de mais esforço por parte de quem lê.

Linguisticamente, interessa, também, perceber o contributo dos artigos que estão a determinar cada um destes substantivos comuns: o indefinido “um” e o definido “a”. Além disso, pode ser uma coincidência, mas é funda-



mental sublinhar o facto de um ser de género masculino – “buraco” – e o outro de género feminino – “boca”, estando ambos no singular (Uma correlação para a relação entre os irmãos?). A interligá-los está a preposição “em”, aglutinada ao artigo definido que determina “boca”. Todos estes elementos têm relevância para quem tentar descortinar os sentidos que comportam, quando, sintagmaticamente, são uma sequência significativa. À procura de pistas de leitura porque elas existem para quem as procura, impõem-se as perguntas: Porquê este título? Porquê associar “buraco” a “boca”?

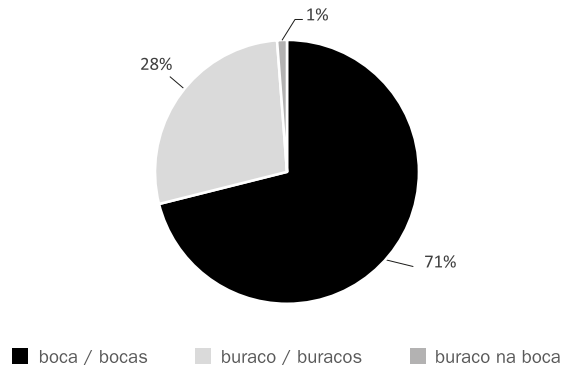
A resposta poderá estar na epígrafe: “há sempre uma dor maior que a liberdade de a ter escrito.” A questão da “dor” é, também ela, frequente e a palavra vai reaparecendo no decorrer do texto: “ou quando era apenas uma dor que se descobria também parecia muito mais. era muito mais do que doía.” (ARAGÃO, 1993: 28). Para o romance, quanto ao paratexto, a epígrafe é o segundo elemento linguístico significativo após o título, mas apenas se segue essa pista interpretativa, depois de observar as ocorrências na obra de “buraco” e “boca”, em separado e em conjunto, como no título.

Uma leitura atenta permite compreender que “boca” é mais empregue ao longo de todo o romance do que “buraco”. Metodológica e cientificamente, a observação é a fase inicial do procedimento seguido, a fim de constituir um *corpus* (cf. as citações sobre o incesto em apêndice) para análise. Por conseguinte, depois de ler integralmente a obra, uma leitura em diagonal para esmiuçar e sublinhar, no próprio exemplar físico do livro enquanto produto físico, os excertos em que estas palavras surgem comprovam-no. No entanto, é fundamental perceber que, além das ocorrências explícitas, há referências implícitas a cada um dos vocábulos, o que acontece através de diversos recursos linguísticos, sendo a metáfora e a comparação fulcrais. A sinonímia é um deles, mas há também outros processos, como a repetição de letras para prolongar a extensão da palavra. Por exemplo, ao evidenciar as funções atribuídas à “boca” (nomeadamente o comer – aparelho digestivo – e o falar – aparelho fonador, assim como, sobretudo, os beijos, a nível sexual), compreende-se que quase todas as páginas, do princípio ao fim do livro, ou mencionam a comida ingerida, inclusive a falta dela, ou se reportam à palavra, ao dizer, incluindo quando não existe porque o silêncio foi mais forte. Os campos semânticos dos nomes do título estendem-se com uma diversidade de referências das primeiras páginas do livro às últimas.

Ao proceder-se a uma contabilização lexical (cf. Gráfico 2) a partir da versão digital existente (MINISTRO, 2014), verifica-se que, para os elementos linguísticos principais do título, na contagem das referências directas a “boca” (71%), este nome – no singular e no plural – predomina sobre “buraco” (28%), também no singular e no plural. Considera-se que se obteriam os mesmos resultados com a quantificação das referências indirectas ou implícitas, nomeadamente através da sinonímia. Ela é o elemento central do título, embora não seja o núcleo do segmento linguístico. Para ilustrar as múltiplas ocorrências, procede-se a um brevíssimo levantamento de algumas de “boca” e “buraco”, incluindo elementos que se lhes associem, a fim

de compreender a significação do título que sublinha que “a boca tem um buraco”, ou seja, “foi aberta (furada) para revelar um segredo”. O segredo corresponderá à dor presente na epígrafe e contar (revelar o segredo) não é tão doloroso quanto a vivência incestuosa: a pista de leitura é esta.

Gráfico 2. Frequência das ocorrências dos nomes do título



A boca (e elementos semânticos associados) surge, sem exagero, em quase todas as páginas (seria um exercício linguístico interessante enumerar cada uma para compreender o seu alcance, mas opta-se, aqui, por indicar apenas algumas páginas) e destacam-se excertos (sublinhados acrescentados) em que o prolongamento com as múltiplas letras é sinal da relevância que tem:

- p. 7: “as bocas. a minha boca no início inseguro da fala. a mão posta a doer. um frio fogo fazendo a cara em cada dia. os seios precipitados de Aninhas. ou a educação. o costume.”
- pp. 19-20: “a nossa maneira continuava. vivia: a boca na ocasião.”
- p. 28: “e Aninhas procurava: **claro que boooooooooocaaaaa é muito mais.**”, “era realmente mais que a boca de Aninhas beijando-me no canto escondido da loja? ou era mais a boca de Aninhas afastada da velhice da boca da avó? julgo (a meu ver) [REALÇA-SE A RECONHECIDA SUBJECTIVIDADE DO NARRADOR OU CONTADOR] que era muito mais só quando isso se percebia como realmente nosso.”, “a boca dela como se fosse subitamente encontrada: beijando e ao mesmo tempo doendo.”



- p. 96: “calar a boca”
- p. 105: “não abrir boca”
- p. 173: “boca de lobo”³

Os sentidos de “boca”, ligados ao falar e ao comer comportam inúmeras repetições pela afirmativa e pela negativa (não falar e não comer): “não abrir a boca” – segredo (boca fechada) presente na expressão popular “Cala-te boca!”. Além do mais, à mesa, os membros da família não falam (por “ARAGÃO, 1993: 169). Ficou uma brevíssima amostra para “boca” e, como se disse, o mesmo procedimento se pode seguir para “buraco” porque também este nome comum é frequente ao longo das páginas do livro.

Por regra, o buraco é feito por algo ou alguém. A boca é um buraco que não foi escavado; é uma cavidade natural ligada a outras partes do corpo. A imagem do dente com cárie que aparece no texto – dentes podres (buraco na boca) (ARAGÃO, 1993: 179) – remete para “podre”- podridão, constituindo, realmente, “um buraco na boca”. Poder-se-ia pensar que o título comportaria um pleonasma porque a boca já é um buraco, mas, ao ler e rler o texto, vai-se compreendendo a figura de estilo, o recurso linguístico para explicar a questão do incesto e a boca que dá prazer, quando aberta. Simplificando a transcrição dos exemplos para “buraco”, indicam-se os dois seguintes, havendo bem mais:

- p. 96: “buracos das paredes da casa” e
- p. 162: “buraco da fechadura”.

³ A imagem do lobo em “boca de lobo”, isto é, ter uma boca como a do lobo, faz lembrar, por exemplo, o Lobo Mau, que se disfarça, no conto popular do Capuchinho Vermelho, a menina inocente. Esta ideia liga-se perfeitamente com a noção de “comer”, associada, em interpretações psicanalíticas, à sexualidade, ao sexo em si mesmo. O lobo remete também para o Lobisomem, uma figura dupla terrífica. Linguisticamente, a repetição de letras com prolongamento do significante corresponde, pelo que se pode observar a “boooooooooo-caaaaa de loooooooboooo” – 4 ocorrências – à abertura plena da boca que está pronta a comer, sentido literal e figurado, a nível sexual, como, por exemplo, em:

— “repetia: **boca de lobo. boca de lobo.**” (ARAGÃO, 1993: 17),

— “**ehhh boca de lobo. booooooaaaaa deeeee looooo-boooooo.**” (ARAGÃO, 1993: 48),

— “o doer por hábito de doer acabava com a dor. parava de doer. ela gostava de insistir: **boca de lobo. mas só como distracção, para não se lembrar de nada. ou melhor: booooooaaaaa de looooooobooooo.** dizia demoradamente por entre os dentes apodrecidos” (ARAGÃO, 1993: 118) e

— “repetia pesadamente no escuro: **ehhhh boca de lobo. booooooooooaaaaa de loooo-boooooo.** e repetia para que o escuro ouvisse” (ARAGÃO, 1993: 173).



É indispensável lembrar que o buraco, nomeadamente o da fechadura, permite visionar, porque deixa ver, espreitar, sem ser visto e, neste caso, reenvia para a “retrete” (que em si também é um buraco) (ARAGÃO, 1993: 161). Como ficou claro, há outras maneiras de abordar o nome “buraco”, nomeadamente através da sinonímia: “brechas”, (ARAGÃO, 1993: 169 e 186), ou “escavar” (ARAGÃO, 1993: 170). É ainda possível contar o “fundo da loja” como sendo um (ARAGÃO, 1993: 86). Os sentidos de “buraco” re-metem sempre para algo que surge, voluntária ou involuntariamente, noutra coisa (aqui a boca: a abertura da boca é um buraco). As brechas da casa que os irmãos vão alargando para fazer cair o edifício representam o aprofundamento do buraco em que caíram, na própria casa.

Convirá recordar que, na obra, há igualmente ocorrências que reenviam para o título como um todo, sendo o caso de “buraco na boca” (ARAGÃO, 1993: 98). No entanto, não são muito reveladoras, mantendo o enigma que o título constitui. Como se disse, é a sua interligação com a epígrafe (a dor e a liberdade de escrever) que o permite descodificar integralmente. A interpretação da trama textual é iluminada numa segunda e numa terceira leituras porque não basta ler é preciso reler (cf. REBELO, 1997) para compreender o que é contado, sobretudo se é um segredo como um incesto, revelado pelo irmão que continua a sentir prazer, quando pensa na irmã, embora a imagem dela se vá desvanecendo nas relações sexuais que vai tendo com Laura e Fernanda.

É o fascínio do corpo da irmã que sobressai na confissão que é uma confusão de pensamentos e sentimentos. Ambos aceitaram a relação incestuosa e, linguisticamente, as palavras para descrever o “incesto”, sem o identificar, são esclarecedoras. As usadas, por exemplo, nas páginas 175 e 176 (cf. Apêndice) não deixam margens para dúvidas do que houve entre Aninhas e o irmão. Ela consentiu. Ambos quiseram, escondendo-se dos restantes membros da família. No entanto, eles não tinham a mesma dimensão do conhecimento que daí adviria. Ela, mais nova, era mais inocente do que o irmão. A descoberta da possibilidade de engravidar fez com que Aninhas compreendesse a amplitude dessa relação sexual familiar. Não será por acaso que não há qualquer elemento linguístico que revele a oposição da Aninhas em ir estudar para um colégio, afastando-se de casa, da família, do irmão. O distanciamento que assume relativamente a ele, quando regressa para o aniversário da mãe (cf. apêndice, MOMENTO 21, a mini-saia laranja e as pernas bonitas), realça que ela resolveu a situação. Também não será por acaso que, no texto, se fica a saber que ela partiu e casou, surpreendendo os membros da família por ter celebrado casamento com um militar (representação da ordem e o oposto do irmão, mentalmente, em desordem: a confusão de pensamentos a mistura de emoções, as indecisões, inclusive na hipótese de emigrar, “embarcar”, ir para longe, ou a ideia do suicídio).

Em síntese, sinopticamente, retomando a narrativa romanceada (uma história de amor-sexo, um incesto entre irmãos, consentido e repetido várias vezes), o título parafraseia-se: a boca dos beijos, da comida, do prazer com



Aninhas fechou-se no segredo incestuoso, doloroso, adivinhado pela mãe e pela avó, abrindo-se com o contar (um buraco na boca fechada). Para manterem o decoro, a imagem e o bom nome da família de respeito, elas, enquanto matriarcas, afastam Aninhas. Ela, uma jovem, segue um rumo na vida, deixando o irmão sem rumo e que abre a boca (um buraco), contando, libertando o segredo (cf. a epígrafe), causando dor (cf. a epígrafe) como a que sente pela relação incestuosa vivida, a qual tem dificuldades em esquecer. Vive num tormento e a felicidade para ele seria terminar tudo, não haver nem bem nem mal (cf. a epígrafe que se escolheu para este estudo). Lembra, constantemente, Aninhas nas outras relações amorosas que vai vivendo. Contar – dizer, falar, escrever – permite compreender o seu lado da relação incestuosa e as palavras que emprega, pouco precisas (cf. Apêndice), ajudam a entender os diversos momentos pelos quais passou e que, mesmo depois de terem terminado, não ultrapassou.

Esta experiência literária levada a cabo por António Aragão é muito interessante para quem se dedica a investigar a linguagem da Sexualidade, recorrente na Literatura. As palavras utilizadas para descrever uma relação incestuosa entre irmãos, segundo o ponto de vista masculino, muito depois de o relacionamento ter acontecido, são bastante poéticas e vagas (cf. apêndice, praticamente todos os momentos), emprenhadas de sentimento, mesmo se, pontualmente, há alguma crueza, sobretudo quando Aninhas espreita pelo “buraco da fechadura” da “retrete” (cf. apêndice). A reconstrução dos momentos da relação do princípio (não expresso, mas sugerido – provavelmente perdido na memória pela repetição dos encontros sexuais, como se disse) ao fim (também não se sabe bem como foi a última relação), comprovando a evolução e o desfecho. Os 21 MOMENTOS (com sublinhados adicionados) evidenciam os segmentos que comprovam o incesto e a visão do narrador sobre a relação sexual com Aninhas. Todos os trechos incluem o nome da irmã, fio condutor desses MOMENTOS.

Conclusão

A chave para compreender o significado do título da obra de António Aragão *Um Buraco na Boca* encontra-se, indubitavelmente, na epígrafe: “há sempre uma dor maior que a liberdade de a ter escrito.” A liberdade de escrever sobre a dor é menor do que a dor que foi/ é sentida. Escrever / dizer / contar / abrir (fazer um buraco) a boca/ revelar o segredo é menor do que a dor vivenciada. O narrador, ao contar, não alivia a dor, mas sentiu necessidade de libertar o segredo, dando o seu ponto de vista da relação. A obra é uma confissão, parecendo também uma sessão de psiquiatria. Quem lê é como se ouvisse atentamente (os negritos do texto são discurso directo e sinal de fala, de voz, de oralidade – “oral”, palavra que etimologicamente aponta para “boca” – porque indicam o falante que tomou a palavra para dizer e ser escutado), e não julgando, acaba por sentir uma mistura de



sensações, como o próprio narrador. Um certo humanismo leva a procurar compreender o que aconteceu, faltando, contudo, a versão de Aninhas, o lado feminino.

A dor está, também, patente na dor de dentes do narrador que tem dentes podres na boca, o que constitui, por si, igualmente, “um buraco”. A podridão e a imundice (a do cheiro da retrete) corresponde ao seu estado físico e psicológico. A dor do narrador está também no facto de ter tido e no de não voltar a ter sexo com Aninhas. O incesto entre os dois irmãos foi consentido por ambos. Aninhas, quando compreendeu que poderia engravidar, ficou alarmada, mas foi a mãe (apoiada pela avó) que, ao perceber o que estava a acontecer entre os filhos, decidiu afastar a filha, colocando-a num colégio, conservando o bom nome da família. As aparências sociais mantêm-se numa cultura citadina de uma cidade como o Funchal, em que todas as famílias de “bom nome” se conhecem. Ela acabou, posteriormente, por casar e o fim foi mais claro do que o princípio da relação entre os irmãos. Os motivos do início do relacionamento não são explicados, mas a convivência diária e o desejo físico surgem apontados. *Um Buraco na Boca* serviu para revelar o segredo, terminando tudo e pondo fim à história deles. Este surge com o fim da casa, e o corte da luz, na última referência a Aninhas (cf. Apêndice, MOMENTO 21), que é metáfora do final infeliz e escuro.

As duas questões de fundo deste estudo, às quais se procurou dar resposta foram um guia para esta singela reflexão linguística interpretativa, centrada em alguns vocábulos. São retomadas para lhes esboçar uma resposta.

Que abordagem linguística é dada ao incesto em *Um Buraco na Boca*? A palavra “incesto” não ocorre, mas surgem vocábulos, como “obscenidades”, que sublinham o seu lado negro. A linguagem usada é subtil, um tanto ou quanto poética, emprenhada de subentendidos, pela vivência em segredo. O que é explicitado é muito pouco (seios, boca, beijos) e o que está implícito é predominante, como sobressai nos excertos em apêndice. A intimidade sexual surge numa linguagem metafórica (ex.: a evocação do fogo). Merece desenvolvimento, num futuro trabalho de análise.

Terá esse título um sentido sexual? Como se verificou, o título é polissémico. A boca é uma cavidade e, portanto, um buraco. O facto de evidenciar “um buraco” remeterá para a boca aberta, indispensável ao momento da fala (a palavra dita, a fala, é imprescindível nesta experiência literária de António Aragão). Decidir contar um segredo é furar a boca; é abri-la para deixar sair o que estava recalcado, guardado, escondido, porque os outros não sabiam, mesmo se podiam adivinhar (o que acontece, por exemplo, com a avó). É a epígrafe que confirma a dor que é contar, falar, fazer esse “buraco na boca” para admitir o relacionamento incestuoso. Além disso, a boca está também aberta, quando é preciso comer. Falar e comer, estes são os dois verbos (ou outras palavras da mesma família, sobretudo os substantivos) que proliferam nas páginas do livro. É sabido que o verbo “comer”, popularmente, assume um sentido sexual inegável, estando presente, nomeadamente, em muitos piropos (REBELO, 2019): “Comia-te toda!” ou “És boa



como o milho.”, ou em formulações grosseiras do calão. A boca, enquanto orifício – um buraco – , pode, também, na linguagem popular, remeter para o sexo feminino na expressão “a boca do corpo” (DUFREIGNE, 1997). Seria igualmente interessante desenvolver este ponto.

Em suma, Antônio Aragão, enquanto autor experimentalista, escreveu sobre o declínio de uma família madeirense da cidade do Funchal, aproveitando para entrar nos meandros das relações familiares. Nela, o binômio “amor-sexo” prevalece e dita a decadência que se reencontra na casa onde os irmãos incestuosos cavam buracos para a fazer cair. O incesto é uma parte da teia de relações íntimas descritas, sob um ponto de vista masculino, um narrador atormentado, indeciso, cheio de conflitos internos, sem saber o que é o Bem e o Mal. Confunde-os, nos seus pensamentos conturbados, chegando a pensar na emigração ou no suicídio. A irmã resolveu a sua vida com a ajuda das mulheres mais velhas da família; foi embora e casou. Ele ficou, sem conseguir sair do buraco que constitui a própria casa e a própria família.

A linguagem do texto é uma teia de linhas cheias de nós, em que o irmão fica preso, sendo o “buraco na boca” (o contar o segredo, o falar, o dizer em termos mais ou menos poéticos, procurando as palavras adequadas) a sua possível libertação. Esta teia, composta pela trama textual, observa-se, logo de início, no paratexto, quando o autor dá plena liberdade ao leitor para ultrapassar a linearidade do texto, começando e acabando a leitura por onde desejar. Parece sobrevalorizar-se assim a proposta do “fragmento” (SEQUEIRA, 2015). Contudo, a constituição do apêndice relativo aos momentos da relação com Aninhas permitiu compreender que, no fundo, ela existe, mas está camuflada, sendo apenas alcançável num processo de reconstrução linguística. É-o a partir das confissões, das divagações, das reflexões, dos pensamentos, ou seja, da observação minuciosa das revelações feitas pela voz interior do irmão de Aninhas, exteriorizada no fio das palavras que, como novelo, repleto de nós, não é fácil desfiar. Houve um princípio na relação incestuosa (cf. Apêndice, primeiro momento), mas esbateu-se a sua recordação. Houve um fim para ela, mas parece perdurar o desejo. A verbalização permite a recordação, assim como a sua anulação. É o que vai acontecendo nas repetições. Todavia a linearidade existe e o fim simbólico da relação com a irmã acontece com o corte de energia porque se apagou a luz (cf. Apêndice, último momento). Neste caso, a palavra vai no sentido da liberdade. Fica a experiência contada e cabe ouvi-la para compreender o que dificilmente é compreensível, numa sociedade em que a Sexualidade continua a ser um tema tabu. Merece ser estudado porque nunca se ouviu tanto falar dele e a Linguística, pela Literatura, pode ajudar a estudá-lo, para compreender amplamente a Sociedade e a Cultura hodiernas.

Referências bibliográficas

- ARAGÃO, António (1993), *Um Buraco na Boca*, Lisboa: Vala Comum.
- DUFREIGNE, Jean-Pierre (1997), *O Génio dos Orifícios: Estética dos Prazeres da Mesa e da Cama*, Lisboa: Publicações Europa-América.
- GARRETT, Almeida (1997), *Romanceiro*, Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses.
- MACEDO, Helder (1998), *Pedro e Paula*, Lisboa: Presença.
- MINISTRO, Bruno (2014), *Um Buraco na Boca: edição crítica do romance experimental de António Aragão*, Trabalho de Projecto de Mestrado em Edição de Texto, apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: https://www.po-ex.net/pdfs/brunoministro_edicaocritica_umburaconaboca_antonioaragao.pdf.
- QUEIRÓS, Eça de (2013), *Os Maias*, fixação de texto e notas Helena Cidade Moura, Lisboa: Livros do Brasil.
- REBELO, Helena (2019), “A Linguagem da Sexualidade: Contributo dos Estudos Linguísticos para a Igualdade e a Cidadania”, MONIZ, Ana Isabel, SANTA CLARA, Isabel e NASCIMENTO, Maria Teresa, *Olhares, Silêncios e Imagens com Palavras Dentro: para Ana Margarida Falcão*, Funchal: DRC, pp. 143-160.
- REBELO, Helena (2013), “Reflexões em Torno de Sexo, Género, Língua e Literatura: Questões Culturais de Hege- monia”, *Agália. Revista de Estudos na Cultura*, n.º 104, Santiago de Compostela: Associação Galega da Língua, pp. 101-121. Disponível em: https://agalia.net/wp/wp-content/uploads/2018/02/4Helena_Rebelo.pdf
- REBELO, Helena (2011), “As Opções Linguísticas de António Aragão em *Um Buraco na Boca*”, *Margem 2*, n.º 28, Funchal: CMF, pp. 65-80. Disponível em: <http://www.po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/helena-rebelo-as-opcoes-linguisticas-de-antonio-aragao-em-um-buraco-na-boca>.
- REBELO, Helena (2000), “O Sexo da Linguagem. Breve Estudo Baseado em *O Dragão de Fumo* de João Aguiar”, *AAVV, O Feminino nas Línguas, Culturas e Literaturas*, Funchal: Centro METAGRAM – Universidade da Madeira – CIT- MA – Fundação Calouste Gulbenkian, 359-373.
- REBELO, Helena (1997), “A Cidade e as Serras de Eça de Queirós – Ler não Basta / Basta Reler”, *Livro do Livro. A Palavra do Leitor*, vol. 4, Lisboa: Editora Roma.
- SEQUEIRA, Maria do Carmo Castelo Branco de (2015), “Maneiras ou desvios, na fragmentação experimental? (Nótula para o estudo de «um buraco na boca» de António Aragão)”, *Cibertextualidades*, n.º 7, Porto: Universidade Fernando Pessoa, pp. 61-75. Disponível em: https://po-ex.net/pdfs/cibertextualidades7_61-76.pdf

APÊNDICE

O INCESTO EM 21 MOMENTOS

O ponto de vista masculino através das referências a Aninhas, a irmã, no texto marcado pelas lembranças da relação sexual e da sua evolução

MOMENTO 1, p. 7

INCESTO – COMEÇO: “*um desígnio a mover-se*”, “*um andar à volta desentendido.*”, “*sangue nascendo no assombro do que se imaginava*”, “*as bocas.*”, “*a mão posta a doer*”, “*os seios precipitados de Aninhas.*” - REPETIÇÃO DA RELAÇÃO SEXUAL: “*um frio fogo fazendo a cara em cada dia.*”

“*havia uma espécie de desígnio a mover-se abismado por dentro e por fora. realmente havia. um andar à volta desentendido. ora por um lado ora por outro. mas sempre à volta. como olhar afundado. e o balde cheio de água. e a pedra que no fundo luzia. **lembras-te do sangue nascendo no assombro do que se imaginava?** o trapo esquecido no canto da cozinha. a miudeza dos gestos no fazer qualquer coisa. as bocas. a minha boca no início inseguro da fala. a mão posta a doer. um frio fogo fazendo a cara em cada dia. os seios precipitados de Aninhas. ou a educação. o costume. e muito raramente um sentido acontecido na distância levantada do coração. dizia-se às vezes: gosto disto. gosto daquilo. ou simplesmente não gosto. ou vejo desta maneira. ou então daquela. ou deste modo. ou daquele. mas nunca havia consequências em gostar ou não gostar.”*

MOMENTO 2, p. 14

INCESTO – REPETIÇÃO, ÀS ESCONDIDAS, INFERNO/SOSSEGO, INTERROGAÇÃO SOBRE A VISÃO FEMININA DO INCESTO: “*tarde da noite*”, “*silêncio*”, “*(dia após dia)*”, “*o inferno interior de cada sossego*”, “*diz-me do que sabias da demora escondida de tudo isso*”

“*chegava tarde da noite abria a cautela do silêncio rijo da porta (dia após dia) descendo ao inferno interior de cada sossego. mergulhando no fogo inteiro das coisas definitivas (...).* além disso

quantas vezes demorávamos as vozes suspeitas no limite do olhar? quantas vezes calávamos a mão na extremidade dum vulto ou na borda duma ideia apagada? diz lá Aninhas o que te movia a carne ou qual o princípio que achavas quando fazias a folha verde dum gesto? ah diz-me do que sabias da demora escondida de tudo isso.”

MOMENTO 3, pp. 19-20

INCESTO – CONTINUAÇÃO DA RELAÇÃO, QUESTIONAMENTO FEMININO, INÍCIO DO DISTANCIAMENTO: “*parece que ficou uma pequena distância*”, o futuro/ o presente: “*solidão no presente? uma violência actual para todos?*”

“*a nossa maneira continuava. vivia: a boca na ocasião. Aninhas: as tuas mãos muito frias. ou então menos frias. às vezes até muito quentes. as tuas mãos macias e descauteladas de respiração na maneira das minhas. ou uma espécie de acolhimento que embora desviado se julgava perto. mesmo muito perto. Pertíssimo. como que sem servir para nada: como um risco na mão e*

em seguida certa convicção desmanchada. sem jeito nem alegria. era precisamente quando Aninhas andava ainda toda localizada na pele e incontida. Aninhas salvando (apesar de tudo) os anos consecutivos. repetida e fresca. alteada na carne pelo interior desamparado dos quartos. para que se vive? viver assim é pouco não é? quantas vezes ela dissera ainda outras coisas? e parece que ficou uma pequena distância: espécie excitada obrigação quando Aninhas disse em dada altura qualquer coisa que não compreendi muito bem mas que desenterrou como um gesto novo o fundo do pensar. mas

o futuro a Deus pertence. era assim que ouvia. então guardávamos pelos cantos dos quartos o medo-nho de não descobrir. mas nesse caso o futuro não era já a nossa solidão no presente? uma violência actual para todos?”

sobre o desenho claro do corpo de Aninhas desceu uma multidão de olhos ávidos tomando de assalto a sua forma cada vez mais incontinida e frágil.

e naquele correr dos dias: Rodrigues conta uma anedota. ele sabia anedotas indecentes: um rapaz que tinha uma irmã nova e bonita.

MOMENTO 6, pp. 69-70

INCESTO – OS JUÍZOS, A AVALIAÇÃO: sagrado, condenação – descoberta – mal, obscenidades, bons costumes

“eu preferia que com Aninhas fosse sagrado. sagrado por qualquer dos lados. do lado bom ou do lado mau. mas que fosse sagrado. e não interessava que depois o próprio ruído ou fala disso gerasse uma maneira perigosa ou o escuro rebentasse nos olhos sem mais ocasião. interessava sim que fosse sagrado. claro que já sabia que estávamos irremediavelmente condenados em cada gesto. em cada palavra. em cada pormenor. por favor deixem-me só no quarto não quero ver ninguém nem que me vejam. (...)

minha mãe na violência escondida da casa gritava alto da escada: onde se meteram vocês? gritava como do cimo desavisado duma falta. e nós inconfessados no escuro refugiado da loja. junto do lagar. devorando a força nua de cada um muito no interior despido do outro. depois

(...) claro que na loja a nudez da Aninhas também aprofundava: mostra mais mostra. uma gargalhada da avó caiu desmedida da janela do seu quarto e despedaçou-se no terreiro. saberia a avó a longa velhice” das obscenidades? era mal essa alegria prolongada do corpo? porque era demais o que o corpo tinha? é preciso manter os bons costumes. custe o que custar: a mãe é que dizia. e a glória da avó rindo? que saberia? o riso da avó como de quem sabia todas as obscenidades.

MOMENTO 7, pp. 71-72

INCESTO – O FIM, AS LEMBRANÇAS: afastamento, falta, lembrança, substituição, expiação

“no dia em que Aninhas foi estudar para o colégio o ar desolava. (...) e ouvia-se o desalmar dos patos sujando a água aparecida estagnada na minha cabeça. francamente nunca falei na brutalidade da falta que ia de Aninhas à Fernanda. não contei a ninguém. cosi comigo. tudo aquilo um dia sem Aninhas ou sem a convicção da Fernanda pela noite fora. tudo como um coração fechado um dia no futuro tudo ferozmente conciso expulso as paredes negras afundadas nos olhos evitados dos dias consecutivamente o estremecer dos detritos como outro exercício de viver uma inconsciência fechada nas mãos. (...)

(e o branco esguio das suas pernas. os voos de cristal incendiado dos seios como pequenos satélites girando dentro da minha cabeça. o calor redondo da sua boca e a velocidade festiva do olhar. ah aquela intenção oferecida dos pedaços luminosos do corpo de Fernanda). algumas vezes

conseguia-se determinado instante. um momento aparecido que se entendia e jorrava. e até permanecia. Durava. mas agora era uma recuada aparição subitamente expiada.

MOMENTO 8, pp. 76-77

INCESTO – OS SENTIMENTOS QUE PERDURAM: falta, fim, as palavras (verbalizar), incompreensão, solidão, repulsa

“porque queremos exactamente o que falta. ah como gostava que alguma coisa pudesse acontecer: quase pensava Aninhas. quase. e por pouco ela parecia tocar um fim. como o fundo exibido na água onde a pedra luzia. eu ardia os braços na sua direcção. ou então disfarçava: felicidade não é nada. não é coisa nenhuma.

e as palavras pareciam nascer ardendo como coisas descobertas de novo. cada geração trazia as suas palavras? o seu idioma? as coisas novas com que cada geração se vestia? e o resto? os hábitos? os costumes? as maneiras? sendo depois diferentes tornavam tudo diferente? talvez daí o nunca se poder entender. daí os que vinham não perceberem os que partiam. a verdade é que apareciam palavras despidas: incompreensíveis para muitos e sozinhas como no começo de tudo. nesse caso o estar só (essa solidão gerada e repetida) era como estar despido

de tudo desde o começo do que se dizia até ao desentendimento de outro pensar e querer. certamente isso era o desentender de cada geração? cada geração distante da geração anterior desde o início das palavras? dessas palavras solitárias e afastadas das palavras dos outros. palavras muito separadas das palavras que os outros antes falavam? mas

afinal (apetecia sempre perguntar) o que é que pertencia decididamente a cada um? apenas palavras? palavras ouvidas de outro modo? palavras diferentes? ou então caladas fundo? palavras possuídas como coisas? ou apenas um ódio sem pronúncia e escondido? talvez (quem sabia?) um excesso qualquer quase sem voz. mesmo aparecido até antes de se desejar? ou uma repulsa inaudível e desalinhada por entre o frio dos cabelos?"

MOMENTO 9, pp. 83 e 84

A IDEIA DA MORTE, PENSAMENTOS SUICIDAS: Aninhas ou Fernanda e a lagartixa: para abordar a temática da morte – “o suicídio necessário” – A NOVIDADE INVENTADA PARA CONTINUAR

“Se Aninhas indagasse (Aninhas ou a Fernanda) eu julgo que teria respondido: **nada tem dia seguinte. tudo é apenas antes mesmo quando se quer para depois.** (...)”

mesmo com entusiasmo que coisa de novo se inventava? uma espécie de moral? novas leis sociais? uma arte ou outra ciência? ou simplesmente o amor? e isso trazia em si o suficiente para continuar depois?

a verdade é que essa morte consentida da lagartixa facilitou-me uma ideia que a partir daí se fixou ampliada numa espécie de suicídio necessário. era isto apenas: finalmente pareceu-me que podia fazer de mim o que quisesse. sentia-me senhor de mim próprio. pelo menos uma certa evidência de poder morrer pertencia-me. morte minha e só minha. e desse modo desenvolvido de ter a morte só para mim atribuía uma transformação necessária para a minha cara e para o meu corpo. quase como o rabo da lagartixa separado do resto. o que pensava separava-se do que era obrigado a viver.”

MOMENTO 10, pp. 85-86

INCESTO – CONSCIÊNCIA PLENA DO FIM E DA “MONSTRUOSIDADE”, A LEMBRANÇA CONFUSA DE EPISÓDIOS: (con) fusão entre Aninhas e Fernanda, além de Laura, pecado, monstruosidade do segredo, perder “para sempre” – QUESTIONAMENTO SOBRE QUEM ERA ANINHAS

“lá estava Aninhas como cópia fiel noutra sítio bastante recuado. (os seios pequenos embora mais crescidos). e ao mesmo tempo Fernanda dentro dum envólucro [sic] que se rompia suave e estalava por fim como loucura inesperada fermentando. Aninhas chegava porém quase sempre duma outra parte que se limitava e poluía. o que a salvava era ela fazer a preciosidade aflita de cada ideia como que empurrada com a ponta bonita do dedo. mas era um tanto nervosa. e a própria ideia nervosa também no extremo do dedo apontando. e tudo isso se ligava à falta de virtude? ao pecado? à monstruosidade do que se fazia sem os outros saberem? e uma vez mordi-lhe as mãos. ela gritou. os dedos tinham sangue. ah quem morava dentro dela que era do tamanho do seu corpo? quem via pelos seus olhos e mastigava com a sua boca e me apetecia? e a lonjura dos sons dela nos meus ouvidos? quem soava metidamente [sic] dentro dela? e aquela dorzinha nos seios crescendo quem a doía? então enquanto ela se vestia (mas agora recordo Fernanda) puxou com os dedos as pontas do soutien (...).

nós respirando ainda a tenacidade de cada dia com o sangue nítido na cara. um pouco antes de nos perdermos para sempre. como o corpo quase morto da lagartixa pouco antes do rabo se separar. mas

(vendo bem) Aninhas e Fernanda despiam-se com aquela facilidade comum a todas as mulheres na intimidade. e apetecia saber: qual a diferença fundamental entre as três? Qual? falo para mim. comigo mesmo. Confundido. só porque Aninhas existira antes e Fernanda depois? e Laura dificultava-se na ideia de querer casar? desejava e dizia o desejo? com Aninhas não. Aninhas vamos para o fundo da loja. ou depois: Fernanda vamos para a cama. com Aninhas a palidez enrugada da avó seguia-nos da vidraça do seu quarto. mais para o lado havia a escada do alpendre descendo minha mãe. e no fundo da loja as tábuas palpitantes do lagar. e o escuro. o exagero do coração. Vê. vê tudo. gosto que me palpés. e levantava a frescura da sua carne despida até onde apetecia ir.”



MOMENTO 11

INCESTO – MAIS LEMBRANÇAS, O PECADO (= “noite”, “escuro”, “perigo sufocado” (silenciado, sem deixar ar para respirar), A CONSCIÊNCIA (“subitamente o espanto de viver aquela maneira.”), A AVÓ (= “a luz imolada”), A MORTE DOS INSECTOS (= o fim, a exterminação), DORES NO CORPO, p. 92

“dantes Aninhas dormia na aflição do escuro do quarto que ficava ao fundo do corredor. as tábuas alargadas nos anos acordavam a velhice quando se pesava a cautela dum pé. havia a luz imolada como de costume no quarto da avó. e o pecado pé ante pé na incerteza. ah o pecado junto ao alisar. e roçando a parede onde era menor o ruído. assim: o pecado diminuído como fogo disfarçado. cuidado. há luz no quarto da avó. então subitamente o espanto de viver aquela maneira. aquela noite. aquele perigo sufocado. então? então o quê? **trazes uma caixa de DDT? há tantas baratas e moscas.** realmente às vezes apareciam muitas moscas mortas e baratas pelos cantos dos quartos. as baratas viradas de barriga para o ar com as patas ainda a mexer. e umas pequenas dores acordadas parecendo insectos vorazes picando o desconforto do corpo.”

MOMENTO 12

INCESTO – MAIS RELEMBRANÇAS, A FRESCURA DE ANINHAS, PENSAR NAS CONSEQUÊNCIAS (“depois”), MEDIR O CONHECIMENTO DA MÃE RELATIVAMENTE AO INCESTO, p. 99

“fui perdendo todas as ideias ditas elevadas que podiam ter surgido comigo. só algumas formas resistiam sem eficácia nem utilidade. **Aninhas: e o fresco da erva que à tarde fazias e se adivinhava?** depois uma falta de passos à beira do peso ocupado das paredes. e depois? mas depois era sempre depois. mãe esse teu vestido às riscas cobrindo a tua moral botânica. a tua conveniência era muito pouco. sabias? mas não. tu não podias saber essas coisas. (...) e havia essa desconfiança do que dizias ser um mau caminho. dizias: vais por caminho errado. (...) e andavas sempre adiantada de religião entre a cozinha e o quarto de jantar.”

MOMENTO 13

INCESTO – INTENSIFICAÇÃO DO ESQUECIMENTO DE ANINHAS SUBSTITUÍDA POR LAURA E FERNANDA, p. 100

“quanto a Laura (porque ultimamente pensava bastante nela) gostava de imaginar sobretudo as dificuldades que ela me oferecia. pensava mais nela do que em Aninhas. ah se um dia despisse Laura. se um dia a pouco e pouco a despisse. (...)

para aliviar um pouco repeti o nome ousado de cada curva de Laura. e depois de Aninhas. e em seguida mais facilmente [sic] de Fernanda.”

MOMENTO 14

INCESTO – MEDO E TOMADA DE CONSCIÊNCIA DE ANINHAS RELATIVAMENTE ÀS CONSEQUÊNCIAS, TER FILHOS, A EMIGRAÇÃO DELE COMO SOLUÇÃO, A PÍLULA, DISTANCIAMENTO DE ANINHAS, p. 122

“Aninhas teve medo: **podemos ter um filho?** eu procurava o lado menos desconfortável. emigrar talvez. e aparecia um desânimo. emigrar para a Venezuela ou para França? mas não lhe dizia. (...)

como fazia a Fernanda para não ter filhos? **sabes. filho. agora uso a pílula.** (...)

à noite com a Fernanda na cama falava-lhe ciciado dentro da palpitação admirada do travesseiro. ela sabia muitas coisas. (...) e depois Aninhas continuava ausente. realmente Aninhas aparecia distanciada: **como se faz para não ter filhos?** seria o máximo que ela podia. então

falava-lhe na pílula como um absoluto.”

**MOMENTO 15**

INCESTO – RECORDAÇÃO DA CUMPLICIDADE COM ANINHAS, A MORTE DAS FORMIGAS, p. 146

“Aninhas também ajudou certo afastamento. quando havia festa de anos e estava muita gente lá em casa chegava-se a inventar uma solidão. e lembro-me perfeitamente de Aninhas aproximando-se da parte escondida das folhas mortas caídas no chão: viver é repetir-se. não é? (...)

eu esmagava com o dedo umas tantas formigas. Desinteressado. cheirava duramente as formigas mortas. e apreciavam sempre mais formigas. profundamente repetidas. espécie de morte alargada: **vês Aninhas. as formigas voltam a corrigir o carreiro.** qual a utilidade de terem sido mortas? para quê morrer? (...) era como se não tivesse havido dor. voltavam a endireitar o carreiro.”

MOMENTO 16

INCESTO – o título (“boca”) e Aninhas: VIDA, COMER, BOCA, OS SEIOS DE ANINHAS, pp. 155-156

“que havia uma certa obstinação de viver. sobretudo de se alimentar. de comer. quase uma monstruosidade incansável de comer. e descrevia-se o que apetecia. cada pormenor gostoso. (...) falava-se de pratos quase inventados. (...) forçando a boca. e podia-se ficar só boca? inteiramente sempre a mastigar? mais boca do que olhos? já comeste disto? e daquilo? e depois continuava-se falando de comer. **se te saísse muito dinheiro que fazias?** Aninhas quase sufocava. os seios ultimamente tinham crescido bastante. com muito dinheiro que fazia? **Ora. comia de tudo o que houvesse de melhor.**”

MOMENTO 17

INCESTO – o título (“buraco”) e Aninhas: A RETRETE, A NUDEZ, O CORPO DELE, A IMUNDICE, pp. 162-163

“Aninhas vinha e espreitava pelo buraco da fechadura: **estás aí dentro?** ela perguntava com uma insólita atracção e olhar contido profundamente no que via. depois o autoclismo sempre avariado: é preciso concertar o autoclismo senão gasta muita água. (...) e

em certa altura que me pareceu Aninhas espreitando voltei-me para o buraco da fechadura todo nu para ela ver. mas então percebi que era um olhar maior que se aproximava pé ante pé. (...)

e então aparecia uma inventada imolação: a porcaria como uma eternidade guardada e obrigatoriamente descoberta. por sua vez o olhar de Aninhas no buraco da fechadura satisfazia um pouco. como se desabrochasse a força verde duma haste. e isso misturava-se à costumada dificuldade de perceber-me o corpo. e surdamente o cheiro da retrete envolvia todos os meus sonhos impossíveis e ajudava as ideias fabricadas na minha utilidade. depois confundia-me com o próprio cheiro desesperadamente.”

MOMENTO 18

INCESTO – O título (“fendas” = buraco – a imagem da casa destruída) e Aninhas, A CONCORDÂNCIA DE ANINHAS, SEGREDO, A DESTRUICÇÃO, O SEGREDO, O FIM, p. 169

“Aninhas tinha concordado nisso sem hesitação. a própria ideia tinha sido até mais dela. então começou-se pelo quarto velho que ficava precisamente ao lado do alpendre. à luz dum coto de vela raspava-se a soma dos anos nas fendas maduras das paredes. Aninhas com a ponta duma tesoura velha. eu com uma faca de cozinha: vamos alargar as brechas das paredes até a casa cair. que bom. (...) e Aninhas desdobrava o mesmo sentido: **um fim é sempre grande. não é exactamente porque é fim. não será?** e

assim (de tempos a tempos) ocupávamos o nosso segredo de destruição junto das paredes do quarto velho. (...) calculava-se. e se prevenisse a mãe para que se precavesse? e a avó? mas elas sabendo os outros iriam também saber. o melhor era não dizer nada.”



MOMENTO 19

INCESTO – AFASTAMENTO DE ANINHAS, CASADA COM UM OFICIAL DO EXERCÍCITO, p. 170

“ou então será ficar distante como Aninhas? ah Aninhas vulgarmente casada com um oficial do exército. eu explicava mesmo sem saber: **ela casou-se com um oficial estúpido com certeza. muito estúpido.**”

MOMENTO 20

INCESTO – TOMADA PLENA DA CONSCIÊNCIA DO FIM, INCOMPREENSÃO PERANTE O FINAL, p. 175

“**és um impuro. nunca gozarás o reino dos céus.** quem insinuava essa ameaça como água levantada? e não tornaria a gozar o corpo nu de Aninhas? os seus seios súbitos e fáceis de atrevimentos. a boca quase inventada. o excesso das mãos. a curiosidade dos gestos despidos. Aninhas agora casada com um oficial do exército? porquê uma coisa dessas?”

MOMENTO 21

INCESTO – AUSÊNCIA DE ANINHAS NAS REUNIÕES DE FAMÍLIA, LEMBRANÇA DA PRESENÇA DELA NUMA, CADA VEZ MAIS DISTANCIADA DO IRMÃO, AS PERNAS E A MINI-SAIA, p. 190

“**Aninhas onde estava?** dona Glória lembrara-se de perguntar com certa nostalgia precavida. mas Aninhas experimentava um legítimo desacomodar do corpo: àquelas reuniões obrigatórias de família e dos amigos de casa porque havia de estar presente? subjugada. porquê? **gostavam de lhe ver as pernas?** apetecia-lhe saber isso. **vá: porque não respondiam?** e Aninhas vestia um tom laranja no atrevimento da mini-saia. **quem não gostava de lhe ver as pernas?** então inesperadamente transfigurada atravessou a sala. a avó invejou: **ela agora está na idade de se divertir.** mas isso como era? porquê essa maneira agora alterada? por mim pressentia Aninhas numa outra direcção cada vez mais distante e padecida. e

dum ano para o outro as pernas de Aninhas desenhavam-se mais intensas e crescidas. tomavam uma curva esbraseada na surpresa que se contemplava. ela sabia. ora se sabia. e sobrestava-se. a malta apostava. **quem tem melhores pernas?** mas em dada altura.
a electricidade apagou-se.”